

DATA DE  
RECEPCIÓN:  
27/03/2015

**LITERATURA INFANTO-JUVENIL PORTUGUESA:  
AUTORES/AS, GÊNEROS E TENDÊNCIAS TEMÁTICAS ATUAIS**

DATA DE  
ACEPTACIÓN:  
21/09/2015

**LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL PORTUGUESA:  
AUTORES/AS, GÊNEROS Y TENDENCIAS TEMÁTICAS ACTUALES**

**PORTUGUESE CHILDREN'S AND YOUNG ADULT'S LITERATURE:  
AUTHORES, GENRES AND CURRENT THEMATIC TRENDS**



**Ana Rita Gonçalves Soares**

Universidade de Santiago de Compostela  
soares.arita@gmail.com

**Resumo:** Neste estudo é apresentada uma seleção simplificada da produção literária para a infância e juventude realizada em Portugal, oferecendo uma perspectiva global sobre alguns dos/as autores/as, dos géneros e das temáticas mais produtivas do período compreendido entre a década de 1970 e o início do século XXI.

**Palabras chave:** literatura infanto-juvenil contemporânea; géneros literários; tendências temáticas; Portugal.

**Resumen:** En este estudio se presenta una selección simplificada de la producción literaria para la infancia y la juventud realizada en Portugal, ofreciendo una perspectiva global sobre algunos de los/as autores/as, de los géneros y de las temáticas más productivas del período comprendido entre la década de 1970 y el inicio del siglo XXI.

**Palabras clave:** literatura infantil y juvenil contemporánea; géneros literarios; tendencias temáticas; Portugal.

**Abstract:** In this study it is presented a simplified selection of the literary production for children and young adults published in Portugal, offering a global perspective on some of the most productive authors, genres and themes of the period from the 1970s to the beginning of the 21<sup>st</sup> century.

**Keywords:** contemporary children's and young adult's literature; literary genres; thematic trends; Portugal.

NOTAS/ NOTAS/ NOTES

## Produção literária para a infância e juventude

A partir de 1974 assiste-se em Portugal a um aumento gradual no interesse pela literatura infanto-juvenil motivado principalmente pela convergência de várias medidas de apoio à sua produção e divulgação: 1) renovação e ampliação das bibliotecas escolares, 2) criação da “Rede Nacional de Bibliotecas de Leitura Pública”, 3) aumento de incentivos à produção literária através de concursos literários, 4) apoio à promoção do livro pelo Ministério da Educação, 5) desenvolvimento do “Plano Nacional de Leitura” (PNL) e do “Projeto Ler +” e 6) crescente divulgação da literatura infanto-juvenil em revistas como *Malasartes*, dirigida por José António Gomes. Destaca-se em 2007, a iniciativa governamental PNL que contribui de forma definitiva para a consolidação de vários autores/as infanto-juvenis no mercado editorial assim como para a sua inclusão nos projetos curriculares das escolas. Verifica-se, portanto, uma progressiva conquista de legitimidade da literatura infanto-juvenil no sistema literário português “deixando de estar subjugada à dimensão pedagógica e/ou moralizadora ou, pelo contrário, de ser vista como um mero entretenimento lúdico da criança” (Ramos, 2012: 38).

Durante os primeiros anos da democracia portuguesa, junta-se a muitas destas iniciativas a especialização de várias editoras em livros que respondem ao gosto e aos interesses específicos do público mais jovem, um entorno que permite que autores/as como António Torrado, Maria Alberta Menéres, Luísa Ducla Soares, Mário Castrim, Maria Rosa Colaço, Cândida Mendonça ou Manuel António Pina se consolidem no mercado editorial:

Os editores solicitavam, há muito, aos escritores, uma literatura de contornos juvenis, destinada a preencher um vazio nas letras nacionais. Os pré-adolescentes não tinham títulos originais de autores portugueses à sua disposição. O mesmo ocorria com os adolescentes (Barreto, 1998: 65-66)

Como salienta António Garcia Barreto, apesar do aumento do volume da produção literária infantil no panorama nacional, as obras editadas não respondiam à demanda do público pré-adolescente ou dos/as mediadores/as. Como consequência, ganham progressivo destaque obras traduzidas como, por exemplo, “Os Cinco” (1942–1963) de Enid Blyton, assim como coleções de banda desenhada: “Astérix” (1961–), “Lucky Luke” (1946–) ou “Tintim” (1929–1986).



Na década de 80, em simultâneo com o interesse pela literatura estrangeira, torna-se relevante a presença no mercado de uma literatura de “grande consumo” nacional, nomeadamente as narrativas de aventuras e mistério (Gomes, 1998: 71), entre as quais se destacam as coleções “Uma Aventura” (1982–) e “Viagens no Tempo” (1985–) de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Nestas histórias, as autoras relatam as aventuras de um grupo de seis jovens que viaja por Portugal (e, nalgumas circunstâncias, também pelo estrangeiro), aproveitando estes cenários para transmitir aos leitores e leitoras conhecimentos geográfico-culturais, históricos e artísticos. Reproduzindo portanto a formula fiction (Nikolajeva, 1996: 39) de Enid Blyton, estas e outras narrativas seguem um padrão repetitivo que permitiu multiplicar facilmente o número de livros editados, potenciando consequentemente o aparecimento de várias coleções (entre as quais se destacam as mantidas, por exemplo, pela Porto Editora, a ASA, a Gailivro, a editora Campo das Letras, a Editorial Caminho e a Edinter).

Deste modo, no panorama literário português juntam-se a autores e autoras consagrados/as como José Gomes Ferreira, António Torrado, Ilse Losa, Maria Alberta Menéres, Maria Lamas, Matilde Rosa Araújo, Sophia de Mello Breyner ou Manuel António Pina, escritoras como as supracitadas Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada além de Alice Vieira, Maria Teresa Maia Gonzalez, Álvaro Magalhães, Arsénio Mota ou António Mota. Inverte-se, portanto, a tendência anterior e, como conclui Ana Fonseca (2012: 13), há um maior equilíbrio na proporção entre literatura infanto-juvenil traduzida e nacional.

Constata-se portanto que, nos anos 80 e 90, a narrativa ganha uma projeção assinalável —em particular o conto e as narrativas realistas que se estruturam em torno de temáticas, de motivos e de espaços reconhecíveis pelo público— uma tendência que se mantém na atualidade. Efetivamente, partindo da análise de Francesca Blockeel (2001) de um corpus representativo da literatura infanto-juvenil produzida em Portugal no final do século XX, pode-se constatar que a tendência de apresentar espaços imaginados e fantasiosos foi progressivamente complementada com a representação de espaços reais da geografia portuguesa, potencialmente reconhecíveis pela entidade leitora. Das trinta e quatro obras analisadas pela investigadora, trinta e três narrativas têm Portugal como cenário, com particular destaque para as cidades do Porto e Lisboa. A produção literária infanto-juvenil portuguesa contemporânea privilegia portanto a nomeação de espaços concretos, promovendo o contato com o património geográfico, histórico e cultural português, uma estratégia que reitera o interesse na aproximação à realidade dos/as jovens.

Nesse sentido, note-se que entre os livros sugeridos atualmente pelo PNL (2015) para os/as leitores/as mais jovens estão vários pertencentes às coleções citadas anteriormente. Proposto para a leitura autónoma para os/as estudante do 5º ano está, por exemplo, *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas* (1999) de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. O que começa como um encontro desportivo em Coimbra acaba por ser o início de uma aventura na quinta que foi cenário dos amores entre D. Inês de Castro e D. Pedro. Quando os/as protagonistas visitam a fonte lendária, os amigos encontram Sátia, a filha de um rico marajá que se encontra em perigo. As gémeas Teresa e Luísa, o Pedro, o Chico e o João vêm-se assim envolvidos na história do marajá e da sua excêntrica comitiva, no seio da qual se desenvolve uma conspiração. Aproveitando assim espaços icónicos do património português, vários títulos desta coleção contribuem para a formação dos/as jovens e para a aquisição de hábitos de leitura autónoma de forma didática e divertida, promovendo simultaneamente o interesse pela realidade histórica e cultural portuguesa. Estes motivos, aliados ainda à qualidade estética das edições, justificam que nove livros da coleção tenham sido incluídos na seleção do PNL, um projeto que, como se disse antes, contribuiu em grande medida para a promoção da literatura infanto-juvenil em Portugal e para a sua inserção na atividade pedagógica.

### **Tendências temáticas da literatura infanto-juvenil portuguesa**

Num artigo sobre os temas emergentes e consolidados da literatura infantil portuguesa, Ângela Balça (2008) destaca três vetores temáticos da produção literária de 1974 em diante: ambiente, multiculturalismo e política. Também José António Gomes (1998: 45), quando analisa a literatura infanto-juvenil publicada entre 1974 e 1997, considera estes temas como fulcrais no panorama português:

Escrever para crianças e jovens em clima de liberdade implicou, naturalmente, uma aproximação gradual a temas que se encontravam arredados da produção literária ou eram tratados de modo menos direto. Revisita-se a História com um novo olhar. A emigração, a diferenciação social e a pobreza, o ante e o pós-25 de abril, as problemáticas da preservação do ambiente e da discriminação racial, os conflitos familiares e as consequências das situações de divórcio são agora abordados nos livros infanto-juvenis.

Exemplo desta tendência são escritores e escritoras como Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo, Sophia de Mello Breyner Andresen, António Torrado ou Alice Vieira que manifestam particular interesse em retratar o papel da criança na sociedade portuguesa, permitindo explorar temas que



durante a ditadura –como salienta José António Gomes (1998: 45)– “se encontravam arredados da produção literária ou eram tratados de modo menos direto”. Também autoras mais jovens como Ana Saldanha ou Maria Teresa Maia Gonzalez exploram com frequência temas que refletem a sociedade atual, entre os quais a falta de afetividade, os problemas geracionais, os conflitos sociais, os preconceitos e a inadaptação. Detêm-se, portanto, na construção de personagens realistas, dotadas com “uma forte componente humana, demorando-se no desenho da sua intimidade, dos seus conflitos pessoais e das suas angústias, por exemplo” (Reis da Silva, 2008: 283). Nesse sentido, as/os protagonistas das histórias narram frequentemente as suas próprias vivências, uma opção discursiva que potencia a proximidade com o/a recetor/a preferencial. A entidade leitora reconhece portanto o registo a que recorrem as personagens, os seus gostos e preocupações e até os espaços físicos narrados.

Ana Saldanha por exemplo, adota frequentemente o arquétipo do contador de histórias em primeira pessoa, uma estratégia que aproxima narrador/a e leitor/a. Jogando muitas vezes com o imaginário literário coletivo, com os conhecimentos do cenário histórico-cultural em que decorrem as ações narradas, mas também a capacidade da entidade leitora de retomar/recuperar outros dos seus textos, a autora consegue assim uma grande proximidade discursiva face aos/às seus/suas leitores/as preferenciais. Os títulos da coleção “Era uma vez... outra vez” por exemplo, publicados pela editora Caminho entre 2002 e 2005, recriam contos tradicionais, contextualizando-os na sociedade atual. Como explica Susana Campos (2006: 3) na sua tese sobre a influência dos contos tradicionais nesta coleção, Ana Saldanha apresenta aqui um “espaço diegético de captação de temáticas que textualizam relações do quotidiano características da sociedade contemporânea”. As histórias desta coleção mantêm assim um diálogo intertextual com contos clássicos, como *O Capuchinho Vermelho* ou *Hansel e Gretel*, ou contos tradicionais portugueses, como *A Cabreirinha e o Mal*, apresentando atualizações que as aproximam ao quotidiano situacional da entidade leitora. Nestas narrativas, as ilustrações e as referências espaciais complementam a diágnese, assumindo uma função principalmente metafórica e referencial que permite a consolidação do imaginário relativo ao hipotexto.

Evocando o conto tradicional escrito por Charles Perrault –posteriormente reescrito pelos irmãos Grimm– *O Gorro Vermelho* (2002), por exemplo, cria um microcosmos social urbano, modernizando a narrativa original e aproximando-se da realidade dos/as seus/suas leitores/as preferenciais. Atualizando algumas das advertências implícitas na história da pequena

Capuchinho Vermelho –os perigos da sociedade atual, em particular a insegurança da cidade e a violência sexual, aliados à máxima “não fale com estranhos”– e mantendo várias alusões indiretas ao conto, Ana Saldanha dirige-se aos/às mais novos/as com temas controversos através de um discurso divertido, moderno, didático e realista:

A Sofia baixa-se para pegar no cesto e vira-se na direção da rua principal, onde há trânsito e passa sempre gente a toda a hora. De repente, as mãos do homem, em garra, agarram-na pelos ombros [...] Debate-se, estrebucha, mas o homem abraça-a por detrás com força e rodeia-lhe a perna direita com a sua. Empurra-a na direção da sebe no jardim da casa da vovó e, na espécie de dança pesadona que se segue, sob o olhar de desinteresse triste do Wolf, a Sofia tenta pisar o homem e dar-lhe uma cotovelada. (Saldanha, 2002: 85)

Como se pode constatar, as narrativas da autora portuense reproduzem muitas das tendências da produção literária infanto-juvenil portuguesa publicada no período pós-25 de abril como, por exemplo, a representação maioritária de espaços urbanos em território português (Blockeel, 2001) além da intenção pedagógica e didática que se verifica constantemente nas obras de potencial receção infantil e/ou juvenil. A esta junta-se ainda o relevo que adquirem os paratextos neste âmbito, uma característica que se deve em grande medida ao desenvolvimento das tecnologias de impressão e reprodução que permite a edição de livros com maior qualidade gráfica, textual e icónica. As ilustrações em particular assumem um papel de relevo na indústria livreira infanto-juvenil, “passando a ocupar espaço considerável em outras componentes do livro [...] assim como uma interação cada vez mais elaborada e complexa com o texto, promovendo diferentes possibilidades de leitura” (Ramos, 2012: 37).



Voltando às coleções dedicadas à literatura juvenil (para leitores adolescentes ou pré-adolescentes) são comuns as “novelas que versam temas atuais como a ecologia, as relações adolescente/família, a droga” (Barreto, 2002: 136). As coleções de narrativas de aventuras em particular –entre as quais as já citadas “Uma Aventura” (1982–) e “Viagens no Tempo” (1985–), além de “Triângulo Jota” (1989–2006), de Álvaro Magalhães, “O Clube das Chaves” (1990–1999), de Maria Teresa Maia Gonzalez e Maria do Rosário Pedreira, “Os Imbatíveis” (1997–1999), de Manuela Moniz Lopes e Cremilde Madail ou ainda “Os Primos” (2004–) de Mafalda Moutinho– permitiram também abordar temas como o medo, a morte e o desejo amoroso, frequentemente aliados à tentativa de “dar a conhecer de forma indireta importantes locais da História de Portugal” (Gomes, 1998: 64).

Como resume José António Gomes (1998: 71), a literatura infanto-juvenil de inícios do século XXI destacou temas como “a denúncia do racismo e a promoção do conhecimento de

outras culturas e da nossa memória coletiva”, estes últimos particularmente presentes na coleção “Uma Aventura”. Simultaneamente prolifera a recriação dos universos familiar e escolar que, como se disse, promovem o reconhecimento e a identificação dos/as leitores/as com os ambientes e as situações representadas. Ana Margarida Ramos (2012: 35) acrescenta ainda que uma das tendências mais relevantes da produção literária de 2000 em diante é a reescrita da tradição oral através de versões e adaptações, da qual é exemplo a coleção “Era uma vez... outra vez” mencionada anteriormente.

### Considerações finais

Parece correto concluir que entre o final da ditadura portuguesa e o início do século XXI foi particularmente notório o crescente potencial das novas estratégias de comunicação visual e as iniciativas que permitiram a consolidação da literatura de potencial receção infantil e juvenil dentro do sistema literário, atualizações que permitiram aos/as autores/as atuais responder com maior eficácia e qualidade à demanda do público-alvo e dos/as mediadores/as.



Como se pode constatar, ainda que persistam temas tradicionais de carácter político, cultural e social –como a história e cultura de Portugal– a tentativa de aproximação ao universo pré-adolescente justifica o progressivo destaque que adquirem também as obras dedicadas ao quotidiano da vida adolescente e as narrativas de aventuras. A tendência de apresentar lugares da geografia portuguesa por exemplo –utilizados como palco de muitas aventuras dos protagonistas da conhecida coleção de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada ou como estratégia de aproximação à realidade da entidade leitora nas narrativas de “Era uma vez... outra vez” de Ana Saldanha– é representativa de uma das principais vocações da literatura infanto-juvenil portuguesa contemporânea: apresentar alternativas à literatura estrangeira, apostando em estratégias narrativas e visuais que apelem ao público-alvo e que promovam a sua identificação com os protagonistas, com os temas e com os cenários descritos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alçada, I. e Magalhães, A. M. (1999). *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas*. Lisboa: Caminho.
- Balça, A. (2008). “Literatura infantil portuguesa— de temas emergentes a temas consolidados”. *EF@bulações—e-journal of children’s literature*, 2, 1-9.
- Barreto, A. G. (1998). *Literatura para crianças e jovens em Portugal*. Lisboa: Campo das Letras.
- \_\_\_\_\_(2002). *Dicionário de Literatura infantil portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- Blockeel, F. (2001). *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa: Caminho.
- Campos, S. (2006). *Ecoss do passado pela voz de Ana Saldanha. Revisitar a memória de alguns contos dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen*. Braga: Universidade do Minho. Consultado a 21 de março de 2014, <http://hdl.handle.net/1822/7374>
- Fonseca, A. T. (2012). *Representações da sexualidade na obra de Ana Saldanha*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Gomes, J. A. (1998). *Para uma história da literatura para a infância e a juventude*. Porto.
- Nikolajeva, M. (1996). *Introduction to the Theory of Children’s Literature*. Tallinn: Tallinn Pedagogical University.
- Ramos, A. M. (2012). *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude*. Porto: Tropelias&Companhia.
- Reis da Silva, S. (2008). “Tendências da narrativa juvenil contemporânea: o caso de Ana Saldanha”. *Boletín Galego de Literatura*, 39, 279-295.
- S/A. (2015). *Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura*. Consultado a 15 de setembro de 2015, [http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/uploads/livros/57\\_todas\\_as\\_listas\\_2015%2810%29.pdf](http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/uploads/livros/57_todas_as_listas_2015%2810%29.pdf)
- Saldanha, A. (2002). *O Gorro Vermelho*. Lisboa: Caminho.

